

**Exame Nacional para Certificação de
Competências de Jovens e Adultos**

ENCCEJA

JN005-N0

Expediente

Diretora Editorial	Juliana Pivotto
Coordenador Editorial	Mari de Barros
Revisão	Equipe de Revisão Nova Concursos
Projeto Gráfico	Equipe Nova Concursos
Diagramação	Janaina Holovatuk Alves

© 2020 - Todos os direitos reservados à



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, especialmente gráfico, fotográfico, fonográfico, videográfico, internet. Essas proibições aplicam-se também às características de editoração da obra. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (artigos 102, 103, parágrafo único, 104, 105, 106 e 107, incisos I, II e III, da Lei n. 9.610, de 19/02/1998, Lei dos Direitos Autorais).

JN005-N0

Sumário

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Linguagens e interação humana	01
Texto Complementar	08
A beleza está nos olhos de quem a vê: literatura.....	08
As línguas estrangeiras modernas em nossa sociedade	08

Matemática

A matemática: uma construção da humanidade.....	01
---	----

Ciências Humanas e suas Tecnologias

Cartografias do mundo contemporâneo	01
---	----

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

A ciência como construção humana	01
--	----

Hora de Praticar

Matemática e suas tecnologias	01
Ciências da natureza e suas tecnologias	01
Ciências humanas e suas tecnologias	01
Linguagens códigos e suas tecnologias.....	01

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

LINGUAGENS E INTERAÇÃO HUMANA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. Linguagens e produção de sentidos

É comum que aconteçam, no dia a dia, confusões como a da piada lida na seção O que você já sabe? Isso ocorre porque as atividades de linguagem são complexas, de uma variabilidade incrível, e dependem de vários fatores envolvidos na interação comunicativa.

O primeiro deles tem a ver com o fato de os sentidos dos textos serem produzidos de modo compartilhado entre os interlocutores, ou seja, aqueles com quem se fala ou para quem se escreve.

Muitas coisas não são ditas, contando-se que o leitor ou ouvinte vai concluir o que se pretendia dizer, levando em consideração a situação em que se encontra, seu conhecimento de mundo, padrões culturais, convenções sociais e históricas. Por exemplo: quando se pede ao garçom o cardápio, não é preciso explicar que a intenção é ler para escolher, entre os pratos servidos, aquele que mais agrada no momento... Esse é um dado compartilhado, dispensável nesse contexto.

Mas, na piada que você leu, o senhor que chega ao guichê esperava que o atendente soubesse que Anastácia era o nome da pessoa que o acompanhava, não o do destino da viagem. Para ter mais possibilidades de ser compreendido, o texto precisa dizer (e deixar de dizer) na medida certa para determinado interlocutor, em determinada situação. E o que é um texto? Algo que não é posto no papel também pode ser texto?

A resposta é sim. Toda ação de linguagem que acontece no mundo pode ser chamada de texto. A palavra texto, em seu sentido original, tem relação com tecido, pano, estofado. Significa obra feita de muitas partes reunidas; partes entrançadas, entrelaçadas. Como o tecido, que é formado por vários fios entrelaçados, um texto é construído a partir de um conjunto de circunstâncias que o definem: contextos social e cultural; momento histórico; relação entre os interlocutores; objetivo e tema da interação.

No processo de construção dos sentidos de um texto, o interlocutor tem um papel fundamental. É ele que, de posse de seus conhecimentos, valores e crenças, dará o significado ao que vê, ouve ou lê, construindo, em parceria com o produtor do texto, os sentidos desse texto na situação determinada em que ele está sendo visto, ouvido ou lido.

Outro fator decisivo para a construção dos sentidos do texto é a inter-relação entre seus vários elementos internos, linguísticos (palavras, frases, parágrafos etc.) e não linguísticos (imagens, gestos, cores, sons etc.). Numa aula, por exemplo, o professor conversa com os estudantes, escreve na lousa, mostra imagens, faz gestos e sinais, interagindo com eles. Também é propriedade dos textos, em geral, o

fato de estabelecerem relações com outros textos já em circulação, respeitando certa regularidade de forma, tema e estilo. Não é difícil perceber que as receitas culinárias se parecem muito umas com as outras, mesmo que os pratos que ensinam a preparar sejam diferentes, não é mesmo?

É por isso que se pode falar em gêneros textuais como famílias de texto que se parecem, que têm características importantes em comum. Ao longo desta Unidade, essas ideias serão aprofundadas. Porém, um bom ponto de partida para entender melhor o que se faz com a linguagem é ter clareza de que há sempre uma intenção comunicativa que coloca o indivíduo numa atividade social; que sempre são feitas escolhas ligadas a esse propósito, ao que se espera do interlocutor, ao modo como serão organizados os elementos do texto, à situação concreta em que a pessoa se encontra e aos textos que já estavam no mundo antes do que está sendo produzido.

2. Linguagem verbal, linguagem não verbal, linguagens combinadas

Palavras, cores, desenhos, sons e gestos corporais ganham sentido quando estão dentro de um texto e, por isso, podem ser chamados de signos, isto é, tornam-se sinais, marcas, símbolos compartilhados socialmente.

A palavra, por exemplo, é um signo linguístico e o elemento de destaque nas interações pela linguagem verbal. Mas, como até mesmo as palavras possuem uma dimensão visual e sonora, é inevitável que outras linguagens participem dos textos na produção dos sentidos, como a linguagem não verbal. Em alguns textos, essa integração entre as linguagens se torna o principal recurso para alcançar o interlocutor (como anúncios publicitários, rótulos e embalagens de produtos, canções, charges, histórias em quadrinhos e a aula comentada acima, entre tantos outros). Nesses casos, foram usadas linguagens combinadas.

GÊNEROS: QUE TEXTO É ESSE?

1. Gêneros textuais: diferentes modos de interação

Ao marcar as alternativas na primeira pergunta da seção O que você já sabe?, você sentiu dificuldade para diferenciar uma receita culinária de uma notícia, um poema de um formulário, uma história em quadrinhos de uma carta pessoal?

Provavelmente, não. Isso ocorreu porque, ao longo da sua vida, você ampliou o alcance das relações sociais, diversificando cada vez mais as situações de interação social das quais participa e aprendendo a reconhecer e fazer uso dos diferentes gêneros textuais que existem.

Também aprendeu, com suas experiências, a agrupá-los, usando critérios variados: onde são encontrados, o assunto de que tratam, a aparência, o modo como as linguagens foram usadas etc. São esses critérios que levam você a procurar notícias

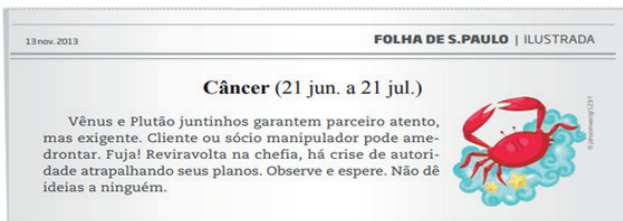
no jornal, e não em livros, que o fazem preencher um formulário de modo muito diferente do que escreveria uma carta pessoal. E isso acontece com todo mundo. Quanto mais se vive, mais se conhece da linguagem e dos gêneros que fazem parte da vida.

As atividades propostas procurarão demonstrar o que é principal em cada gênero contemplado interação por meio deles.

Para isso, serão considerados quatro aspectos principais: suporte, forma, tema e estilo. Sem esquecer, é claro, de considerar em que situação os textos foram produzidos, sua função social e os interlocutores envolvidos.

2. Lendo textos de diferentes gêneros textuais

Você tem o hábito de ler horóscopo? Acredita que a Lua, o Sol e outros planetas podem ter relação com sua vida aqui na Terra? De acordo com a Astrologia, cada pessoa recebe a influência dos astros de modo diferente ao longo do ano. Por isso, o ano é dividido em doze períodos, cada um regido por um signo do zodíaco. Assim, dependendo do dia e do mês de nascimento, cada pessoa também é regida por um signo. O signo de câncer, por exemplo, rege as pessoas que nascem entre 21 de junho e 21 de julho.



ABRAMO, Barbara. Astrologia. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 13 nov. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fp/ilustrada/339622-astrologia.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2014.

O horóscopo é um gênero textual que tem como característica principal se dirigir a todas as pessoas de um mesmo signo, que podem ser homens, mulheres, adultos, jovens ou idosos.

Os textos desse gênero podem circular em suportes variados, sendo publicados em revistas, jornais e sites ou até lidos em programas de rádio e televisão. Apesar de pertencerem à esfera pública, o tema que apresentam se liga a aspectos da vida pessoal, amorosa e profissional dos leitores e à interpretação astrológica feita por um especialista no assunto.

Em relação ao estilo, o autor tem certa liberdade para utilizar uma linguagem descontraída ou então marcada por um tom místico, buscando sempre a identificação do leitor. É comum que dê conselhos, ordens e faça prescrições, por meio do uso dos verbos no imperativo e outras formas com o mesmo efeito. Às vezes, o horóscopo é escrito para um público bem específico, como em uma revista para adolescentes, por exemplo. Daí, pode ganhar estilo particular.

Observe como poderia ficar a previsão para o mesmo signo se fosse escrita para uma revista feminina para jovens:

Os astros dão a maior força para namoros mais duradouros! De repente, aquele ficante das férias pode aparecer novamente e se tornar seu namorado oficial: repare em quem já está por perto! Se você já namora firme, seu amado estará atento a tudo o que acontece com você. Pode ser que precise encarar uma DR (discussão de relacionamento), mas que só vai aproximá-la ainda mais de seu príncipe! Se rolar alguma tensão com professores, pais ou pessoas mais velhas, não esquente e fique aberta para o diálogo! É o melhor caminho para resolver os conflitos com os coroas!

Além de se dirigir apenas para meninas, a previsão considera a rotina de uma adolescente: namoros, escola, amizades. A mudança de interlocução se reflete no texto, no enfoque que se dá aos temas, nas palavras escolhidas, no estilo adotado pelo autor.

O uso dos pontos de exclamação, de palavras e expressões como ficante, DR, príncipe, rolar, coroas faz sentido para leitores, ou melhor, leitoras adolescentes, pois expressa um uso da língua que se considera próprio dessa faixa etária. Entretanto, é possível verificar que, de modo geral, os textos desse gênero vão ter muitos aspectos em comum:

- Formato: são textos curtos, geralmente acompanhados de outros onze textos (um para cada signo do zodíaco).
- Tema: ligado à vida profissional, amorosa, familiar em sintonia com as influências astrais.
- Estilo: marcado pela citação do nome dos planetas que têm destaque naquele dia, as recomendações de como o leitor deve agir, o que deve evitar, em que deve se concentrar; a presença de verbos no imperativo ou outras formas que têm o mesmo efeito de dar conselho, orientar, instruir (repare, não esquente, fique aberta).

Agora, veja um texto de outro gênero. Usando os mesmos critérios (suporte, formato, tema, estilo), é possível reconhecer as pistas sobre o tipo de interação que estabelecem.



#FicaDica

Astrologia: Substantivo feminino (1344) doutrina, estudo, arte ou prática cujo objetivo é decifrar a influência dos astros no curso dos acontecimentos terrestres e na vida das pessoas, em suas características psicológicas e em seu destino, explicar o mundo e prever o futuro de povos ou indivíduos; uranoscopia.

Etimologia gr. astrología, as 'astronomia, (posteriormente) astrologia', pelo lat. astrologa, ae 'astronomia, a ciência dos astros'; ver astr(i/o)- e -logia; f. hist. 1344 astrologia, sXIV estreologia, sXIV estrolasia, sXIV estrolasia, 1431 astrellogia, sXV estrollazia

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Você saberia dizer onde o texto que você leu é geralmente encontrado? Como chegou a essa conclusão? O que o faz supor que seja encontrado em um dicionário é provavelmente seu repertório de leitor, que dá pistas para identificar o gênero de texto e sua finalidade.

O texto é um verbete de dicionário, usado para conhecer o significado, os usos e até a grafia correta das palavras. O suporte pode ser o livro ou, atualmente, a internet ou uma versão eletrônica para ser instalada no computador.

O formato dos verbetes de dicionário respeita, com poucas variações, um padrão: apresenta uma palavra (o que é chamada de "entrada") e, em seguida, os diversos significados que ela pode adquirir em diferentes contextos.

O verbete, além disso, informa a classe gramatical (substantivo feminino), apresenta um sinônimo (uranoscopia) e a etimologia (ciência que estuda a origem e evolução das palavras). Como, geralmente, os verbetes aparecem em conjunto nos dicionários (seguindo a ordem alfabética), a repetição dessa estrutura é o que garante a uniformidade entre eles e o fácil acesso do leitor às informações que procura.

Ainda mais porque o tema apresentará uma variação enorme por estar sempre vinculado à palavra da entrada. Imagine quantos temas uma obra como o Dicionário Eletrônico Houaiss traz em seus mais de 228 mil verbetes!

O estilo é sempre marcado pelo uso da linguagem de forma objetiva, pela presença de termos técnicos das diversas áreas do conhecimento, dados, classificações e explicações. Isso porque, em geral, são dirigidos a um público que está fazendo uma pesquisa, querendo informações diretas sobre o significado ou sobre a grafia de uma palavra, buscando esclarecer um conceito ou uma dúvida com um fim profissional ou escolar.

Além do verbete de dicionário, outros gêneros circulam na esfera escolar e de divulgação de conhecimentos científicos, como os verbetes de enciclopédia e de almanaque, o artigo de divulgação científica e o texto didático (como este que você lê), entre outros.

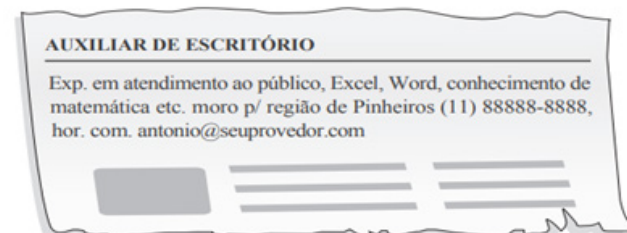
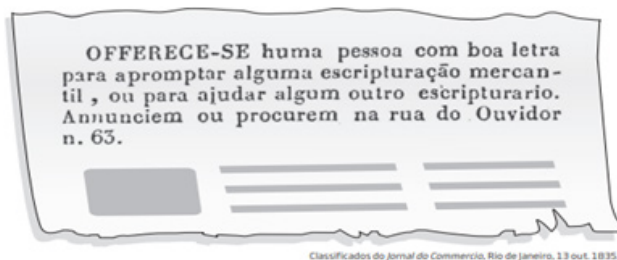
CONTEXTOS: VARIAÇÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E CULTURAIS

Continuando a conversa sobre gêneros, o enfoque agora será naquilo que é chamado contexto. Você já precisou apresentar e descrever suas qualidades profissionais a fim de concorrer a uma vaga de emprego? Existem vários modos de fazer isso.

O mais comum é por meio de conversa com o próprio empregador ou de um currículo. Também é possível fazer um anúncio nos classificados de jornais e revistas. O classificado tem sua origem ligada à história dos jornais e pode ser considerado um gênero textual.

Desde as primeiras publicações, no século XIX, já era possível encontrar pessoas procurando emprego, vendendo ou alugando objetos, oferecendos

do serviços etc. Leia os dois classificados a seguir e perceba como a época influencia no modo como foram escritos.



Ao comparar os dois classificados, são identificados elementos comuns: os dois foram escritos por pessoas que procuravam uma vaga de trabalho, o primeiro, para ser escriturário (escrevente) mercantil ou auxiliar nessa função, o segundo, para ser auxiliar de escritório. Ambos poderiam ser publicados em jornais, o que influencia o formato dos dois textos (quanto mais curtos forem, menos custam ao anunciante).

Os dois textos começam apresentando as qualidades profissionais necessárias, usando uma linguagem econômica e objetiva, e terminam dando as informações para que os interessados estabeleçam contato. O objetivo é o mesmo; o estilo, o suporte em que poderiam ser publicados são semelhantes. Então, o que é diferente? Você estranhou a grafia das palavras "offerece-se", "huma", "apromptar"? Antes do Acordo Ortográfico de 1945, algumas palavras da língua eram escritas desse modo. Outro elemento que pode chamar a atenção é o fato de, no primeiro classificado, o contato precisar ser estabelecido pessoalmente pelo endereço oferecido. No segundo, há telefone e endereço de e-mail para isso.

Esses elementos vão delineando que a principal diferença entre os textos é o contexto histórico. Um anúncio é de 1835, o outro poderia ser escrito nos dias atuais. A distância de mais de 150 anos determina que os textos apresentem um uso da língua variado, que as palavras para descrever as qualidades dos profissionais e as tecnologias à disposição para fazer contato também sejam diferentes.

As mudanças no estilo de vida e na relação entre as pessoas, o avanço tecnológico, fatos ligados à passagem do tempo, exercem influências no modo como os textos nesse gênero são produzidos.

Do mesmo modo, embora não seja esse o caso dos anúncios classificados, fica fácil perceber como a internet, ao favorecer a criação de novos modos

de interação, propiciou também o surgimento de novos gêneros, a partir daqueles que já existiam. Alguns estudiosos dizem, por exemplo, que o blog é uma reinvenção dos diários pessoais, assim como o e-mail é um novo tipo de carta.

Afinal, ainda que fiquem evidentes algumas diferenças ligadas ao suporte (que passa a ser a tela do computador), é possível reconhecer no blog e no e-mail muitas semelhanças, respectivamente, com os diários pessoais e as cartas. Ao longo deste Caderno, outros gêneros textuais serão estudados de modo mais aprofundado.

Nesta Unidade, porém, você pôde perceber o que é um gênero textual, que papel desempenha nas interações por meio da linguagem e viu como são em situações que podem variar muito. Pôde também se perguntar sobre o uso de alguns deles, reproduzindo rotinas textuais familiares e, ao mesmo tempo, propondo variações que sirvam às atividades concretas realizadas com a linguagem.

MÍDIAS E REPRESENTAÇÕES DO MUNDO

1. As mídias

Tudo o que as pessoas sabem, tudo o que conhecem do mundo chega por duas vias diferentes. Uma delas é a observação direta, feita com os próprios sentidos (tato, olfato, visão, paladar e audição), quando vivenciam e participam dos acontecimentos. É assim que se aprende qual é a textura e o peso da água, qual o formato e os movimentos da Lua, como se comportam certos animais, plantas e pessoas.

A outra via é aquela que traz informações provenientes da vivência de outras pessoas e que são acessadas por meio de conversas, livros, revistas, cinema, jornal e outros suportes das mídias.



#FicaDica

Mídias: Do latim *medium*, significa meio. No Brasil, passou-se a utilizar o termo de acordo com o significado estadunidense de *media*, para designar o conjunto dos meios de comunicação de massa: televisão, rádio, cinema, internet etc.

É interessante notar a tendência de que, conforme as pessoas se tornam adultas e vão tomando consciência do mundo, a quantidade de informações que descobrem de modo direto é menor se comparada àquela que recebem por essa segunda via conversando, lendo, assistindo à TV e indo ao cinema.

Basta pensar na enorme quantidade de imagens, informações e opiniões com as quais as pessoas se deparam em apenas alguns minutos em frente à televisão. Por esse motivo, as mídias têm um papel de destaque na sociedade e na vida particular de cada um.

Com elas convive-se intensamente todos os dias: pela televisão, vê-se, por exemplo, como um terremoto aconteceu do outro lado do planeta, numa cidade distante; pelo rádio, ouve-se um jogo de futebol, a movimentação dos jogadores, o comportamento das torcidas, o placar final; pelo jornal impresso ou digital, leem-se notícias dos fatos que ocorreram em uma cidade, dos eventos políticos e culturais que você não pôde presenciar.

A interação por meio das linguagens pode acontecer numa conversa face a face, mas também pode se estabelecer entre grupos maiores de pessoas, de modo ampliado. Na interlocução estabelecida pelas mídias, o alvo é sempre um público amplo. Daí o nome comunicação de massa. Há grandes suportes que assumem esse papel: rádio, televisão, jornais digitais e impressos, revistas digitais e impressas, internet. Cada um, de modo diferente, de acordo com recursos próprios, interesses e condições específicas, procura atingir seu público.

No rádio, as mensagens são exclusivamente sonoras, mesclando sons, palavras e efeitos sonoros ligados à voz, como timbre, entonação, fluência etc. Nos programas de rádio, o ouvinte tem acesso a temáticas e conteúdos variados por meio de músicas, notícias, anúncios publicitários, entrevistas e debates. Outra característica do rádio é que as transmissões podem ser feitas ao vivo, permitindo a interação com o ouvinte em tempo real.

Na televisão, os textos verbais, escritos ou falados, mesclam-se às imagens (estáticas e em movimento) e aos sons, produzindo um efeito de realidade. É comum que os programas, noticiários e anúncios sejam gravados, mas é possível estabelecer um contato em tempo real com o espectador, como é o caso dos reality shows e programas ao vivo.

Nos jornais impressos ou mesmo em sites, a linguagem verbal tem lugar de destaque, ainda que seja indissociável de outras linguagens não verbais na composição de textos de gêneros variados, especialmente fotografias, charges, cartuns e anúncios publicitários.

Quando as pessoas leem ou ouvem notícias e reportagens em jornais impressos ou televisivos, elas raramente refletem sobre o modo como essas linguagens foram usadas e como esse uso pensado alcança os sentidos. É fácil acreditar no que se ouve, comover-se com o que é visto, aceitar como verdade tudo o que é lido. Para lidar de modo inteligente com tanta informação, é preciso desenvolver um senso crítico que permita avaliar se o que se lê ou se ouve está ou não de acordo com aquilo que se pensa e em que se acredita, se deve ser contestado, aceito ou desprezado.

Um jeito de aguçar o olhar para fazer leituras mais críticas é examinar as informações e os pontos de vista levando em conta as linguagens empregadas, seus recursos e efeitos. O jornal impresso O jornal impresso é bastante difundido e de fácil acesso. Muita gente, ao sair de casa, gosta de parar em uma banca para comprar o jornal, para dar uma olhadinha

nos destaques da primeira página ou ler os jornais que são distribuídos gratuitamente em sinais de trânsito ou no metrô.

Você costuma fazer isso? Nessas publicações, há um conjunto de textos dos mais variados gêneros sobre os assuntos mais diversos. Notícias, editoriais, reportagens, crônicas, poemas, charges, informações sobre a vida cultural da cidade, propagandas, quadrinhos, horóscopo podem compor um jornal voltado para um público bem diversificado. Você já folheou jornais de grande circulação? Já observou como são organizados? Já reparou que recursos são usados na primeira página para chamar a atenção do leitor? A primeira página dos jornais impressos traz os destaques, os resumos das notícias mais importantes, na visão dos editores.

Os repórteres levam para a redação do jornal informações sobre diversos acontecimentos. Os editores, responsáveis pela organização das várias páginas que compõem o jornal, escolhem aquelas que acham mais importantes para mostrar na primeira página. A edição do jornal que chega às bancas de manhã cedinho é concluída na noite anterior (a hora do fechamento da edição é indicada, normalmente, no canto superior da primeira página, no cabeçalho).

Já os jornais de internet, rádio e TV também trazem para o público notícias de fatos que estão acontecendo no momento. O leitor, ouvinte ou telespectador não precisa aguardar o dia seguinte para saber das novidades.

Em todos os jornais, o principal destaque recebe um título chamado manchete. Outros destaques da primeira página recebem títulos menores. Assim, os assuntos são tratados brevemente na primeira página, mas desenvolvidos nos cadernos, dentro do jornal. Cada caderno reúne gêneros textuais diversos sobre um ou mais assuntos.

Por exemplo, o primeiro caderno dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo reúne textos que expressam opinião (editoriais do jornal, cartas dos leitores, tendências e debates), notícias sobre a política brasileira e de fora do país etc.; no segundo caderno, estão reunidas notícias e artigos sobre a economia. Há outros cadernos especiais (de informática, cultura, agricultura, turismo etc.), que são publicados em determinado dia da semana e que variam de jornal para jornal.



#FicaDica

Manchete: Título da notícia principal, que aparece na primeira página. Se uma notícia tratar do assunto de maior destaque do dia, ela será publicada na primeira página do jornal e terá o título maior em relação a todos os outros títulos. Os títulos das demais notícias também são muito importantes no jornal. Devem ser concisos, conter a informação principal da notícia e chamar a atenção do leitor para que ele queira ler a publicação e, claro, comprar o jornal.

Editorial: Gênero textual próprio da esfera jornalística em que o jornal ou a revista expressa sua opinião sobre algum acontecimento polêmico ou controverso.

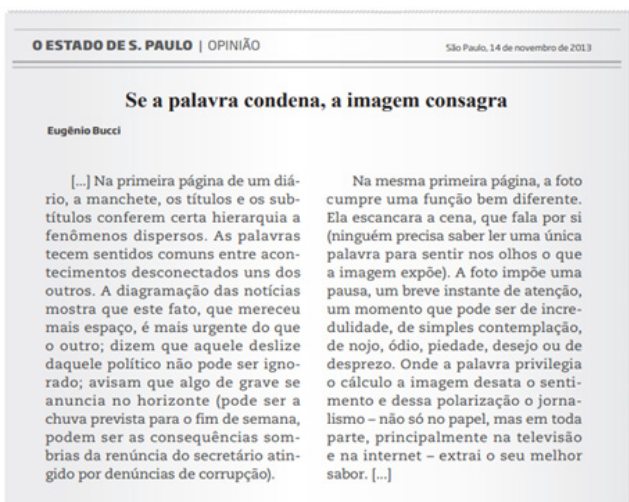
Carta do leitor: Gênero textual comum em veículos da mídia impressa, publicado em uma seção do jornal destinada à manifestação dos leitores sobre diversos assuntos, para que comentem fatos, opinem, reclamem, façam sugestões etc. É um espaço em que os leitores interagem com aquilo que acontece no mundo e com o que é publicado no jornal.

É possível que o leitor recorra ao jornal para procurar uma informação ou um texto específico, indo direto ao caderno em que vai encontrá-lo.

Por exemplo, se a intenção é saber o resultado de uma partida de futebol, o leitor pode seguir direto para o caderno de esportes. Mas a maioria das pessoas começa a leitura do jornal pela primeira página e dali segue abrindo as outras, pulando de caderno em caderno, lendo os textos que despertam maior interesse.

Em função disso, a primeira página é considerada um espaço privilegiado para atrair o leitor e também para perceber, ao analisá-la, alguns usos específicos e singulares das linguagens que revelam as intenções e objetivos de quem produz o jornal. Eugênio Bucci é um jornalista brasileiro e também estudioso de comunicação e mídia.

No trecho que você lerá a seguir, ele reflete sobre o poder da imagem e das palavras na primeira página do jornal impresso, apontando alguns de seus efeitos sobre o leitor:



© Estado de S. Paulo, 14 nov. 2013. Disponível em: <http://www.estado.com.br/noticias/impreso/se-a-palavra-condena-e-imagem-consagra-1096537.0.html>. Acesso em: 18 ago. 2014.

2. As notícias

Entre a ocorrência de um fato e o tempo decorrido para sua divulgação, seja por rádio, jornal ou televisão, há um caminho que envolve muitas pessoas. Imagine mais ou menos como esse processo acontece em um jornal impresso vendido nas bancas.

Geralmente, os acontecimentos chegam às redações dos jornais pelos repórteres responsáveis pela cobertura de setores específicos. São os enviados especiais, os correspondentes. Outro caminho é por meio dos press releases enviados pelas próprias organizações, pelos órgãos oficiais, pelas empresas, que podem divulgar comunicados oficiais à imprensa. Muitas vezes, o repórter precisa consultar almanaques, enciclopédias, relatórios.

Mais frequente ainda é a necessidade de entrevistar pessoas envolvidas nos eventos ou especialistas em determinados assuntos que não sejam de domínio de qualquer pessoa, para obter dados que complementem a informação que se pretende divulgar numa notícia. Chama-se fonte tudo o que fornece informações ao jornalista para que ele escreva uma notícia ou reportagem. Vale lembrar também que há agências de notícias responsáveis pela venda de notícias para todo o mundo, por isso um mesmo fato pode ser divulgado em várias mídias ao mesmo tempo.

Pense num acidente entre dois caminhões que tenha interrompido, logo pela manhã, o trânsito em uma importante estrada que liga duas grandes cidades. Será que esse acontecimento interessaria a um grande número de pessoas? Quem seriam essas pessoas? Será que há relevância para que seja publicado? Essa é a primeira condição para que um fato mereça espaço nas páginas do jornal.

Quem decide o que deve ou não virar notícia são os próprios veículos que as divulgam, em sintonia com o interesse do público que consome as notícias. Você pode imaginar quantos acontecimentos deixam de ser divulgados pela mídia por não terem sido considerados importantes ao público que o veí-

culo deseja alcançar? Essa seleção já diz muito a respeito da posição de cada mídia na sociedade como um todo. Há jornais, por exemplo, que focalizam suas notícias em acontecimentos locais ou de interesse de determinado grupo social.

Outros que, com o intuito de alcançar um público mais amplo, privilegiam notícias de interesse nacional, dando pouco espaço para acontecimentos mais regionalizados. Assim, conhecer a posição do jornal que você lê e o público-alvo a que se direciona é uma pista para saber qual “mundo” será retratado nas notícias que produzem e o que será ignorado.

Depois de um fato ter sua relevância reconhecida por aqueles que trabalham na elaboração das pautas dos noticiários, começa o processo de construção do texto, sua escrita e edição. Antes de chegar aos leitores, os textos escritos pelo jornalista passarão por editores e redatores que corrigem, ajustam o tamanho, propõem cortes, complementações e modificações no texto inicial para que ele assuma a linguagem padrão daquele jornal e esteja de acordo com a ideologia (visões do mundo) que ele assume.

É importante pensar em como a linguagem determina de que maneira será reproduzida a realidade. É preciso ter clareza de que a informação não existe em si, independentemente dos seres humanos, como pode existir uma árvore, a chuva, o Sol. Por isso, informar implica necessariamente reapresentar os fatos com palavras, números e imagens (fotografias, mapas, gráficos), fazendo escolhas, assumindo um ponto de vista sobre eles.

A realidade é única, mas as representações feitas dela são múltiplas. Num acidente como o inventado, muitos pontos de vista dariam ao caso ênfases e contornos diferentes: um motorista envolvido diretamente no acidente (os motoristas dos caminhões ou alguém que presencie o acidente e fique preso no trânsito), um órgão público (a polícia rodoviária, que deve ter sido chamada ao local) ou privado (a empresa que administra a estrada, responsável por organizar o fluxo, prestar socorro e gerenciar as situações) e mesmo o jornalista responsável pela cobertura da situação nas estradas, que passa todo o tempo esperando que algo aconteça.

Cada um desses atores sociaisalaria do acidente privilegiando seus interesses, de acordo com suas responsabilidades e posição. Muitas vezes, falas das pessoas ouvidas pelo repórter são incorporadas ao texto, e ele constrói a narração dos fatos com comentários das pessoas que entrevistou, sempre selecionando as partes que julga mais convenientes.

O repórter pode ouvir muita gente, mas nem todas as vozes aparecerão na notícia ou na reportagem. Também pode acontecer de o depoimento estar inserido na notícia com cortes ou comentários que criem sentido diferente daquele dado pelo entrevistado.

Quando se trata do universo jornalístico, o “contrato” que se estabelece com o público leitor é de

que os fatos ocorreram do modo como são divulgados. Isso cria uma ideia de que haverá imparcialidade, ou seja, neutralidade e objetividade na transmissão dos acontecimentos. Mas sempre que há linguagem verbal ou não verbal, há escolhas, e as escolhas implicam posicionamento.

É possível que uma notícia seja exata, mas não neutra; pode apresentar um equilíbrio, mostrando vários lados de um acontecimento, mas não é absolutamente imparcial.

3. Autor e fonte

É comum que o nome do jornalista que escreveu a notícia apareça entre o subtítulo e o primeiro parágrafo do texto ou então após a última frase da notícia. Muitas vezes, junto do nome, coloca-se de que cidade o escritor enviou o texto. Caso o texto tenha sido fornecido por uma agência de notícias, o nome do autor não aparece. Entre as mais conhecidas estão Agência Brasil, Reuters, Agência Estado.

Press release

Do inglês press (imprensa) release (comunicado, documento), são textos preparados especialmente para a imprensa por órgãos públicos, empresas, organizações privadas etc. que pretendem divulgar fatos e informações.

Ideologia

Conjunto de ideias e convicções filosóficas, sociais e políticas, religiosas etc. que refletem interesses e compromissos de instituições, grupos e organizações sociais como, por exemplo, escolas, partidos políticos, redes de televisão, jornais, grupos religiosos, ambientalistas, feministas etc.

CRÔNICAS: O OLHAR DO CRONISTA SOBRE O MUNDO

1. O trabalho do cronista

O texto que você lerá na atividade a seguir faz parte de uma reunião de crônicas publicada no livro *Os filhos da Candinha*. Seu autor, Mário de Andrade (1893-1945), que fez a seleção das crônicas dessa coletânea, escreveu uma advertência no prefácio da obra.

Advertência

As crônicas ajuntadas neste livro foram escolhidas de preferência entre as mais levianas que publiquei, literatura. Faço assim porque me parece mais representativo do que foi a crônica para a minha aventura intelectual. Nunca fiz dela uma arma de vida, e quando fiz, frequentemente agi mal ou errado.

No meio da minha literatura, sempre tão

intencional, a crônica era um sueto, a válvula verdadeira por onde eu me desfaticava de mim. Também é certo que jamais lhe dei maior interesse que o momento breve em que, com ela, brincava de escrever. É o que em geral este livro deve representar.

Os filhos da Candinha já estarão dizendo que eu podia escolher outras, ao menos pelo assunto, mais justificáveis dentro das preocupações intelectuais de agora. Mas por isso mesmo que todas, essas como as que vão aqui, foram escritas no momento de libertação, as mais "sérias" me desgostam muito, por deficientes e mal pensadas.

Não representam o que sempre eu quis fazer. No ato de passar a limpo, estas crônicas foram bastante encurtadas e corrigidas. Não pude ficar impassível diante de encomprimentos de exigência jornalística, bem como desta aspiração amarga ao melhor. E também fiz várias reposições de linguagem.

Às vezes os jornais e os editores ainda se arrepelem com a minha gramática desbocada, me corrigem, e disso derivam numerosos lusismos escorregados nos meus escritos. Bem contra meu gosto aliás, pois não tenho a menor pretensão de rivalizar com o português de Portugal. Pretensão sensível mesmo em muitos escritores "vivos" do Brasil, que os prova néscios

Mário de Andrade

São Paulo, 24/novembro/1942. ANDRADE, Mário de. *Advertência*. In: _____. *Os filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 27. © Detentores dos direitos autorais de Mário de Andrade, gentilmente cedidos pelas Empresas Ediouro Publicações

As crônicas, por também serem textos jornalísticos, precisam se adequar à rotina do jornal e, por isso, passam por diversos profissionais, revisores e editores antes de chegarem ao leitor. A advertência do autor chama a atenção para o enorme desafio de publicar textos desse gênero.

Diferente do processo mais comum de escrita de textos literários, a crônica tem prazos a cumprir, tamanho determinado para ocupar a página do jornal e a periodicidade que pede um texto novo por mês ou, mais comumente, por semana.

Fora isso, seu leitor, a princípio, também se caracteriza pela rapidez com que consome os textos, pelo tipo de leitura característica dos jornais, descartando-os tão logo tenha em mãos a edição do dia seguinte.

2. Breve história da crônica

Desde a Idade Média, a crônica já era a forma mais utilizada para o registro de fatos locais – eclipses, coroamentos, uma campanha ou conquista, glórias de uma casa reinante, novas descobertas, feitos de um cavaleiro ou de um povo – e de tudo o que, aos olhos dos cronistas, pudesse ser digno de nota.

No entanto, os relatos dessa época limitavam-se a registrar os eventos sem lhes aprofundar as causas ou lhes dar qualquer interpretação. Só a partir do Renascimento (século XIV), quando a noção de crônica deu lugar à de história, aparecem as primeiras crônicas que apresentam uma análise mais crítica do que relatam e mostram as consequências de processos históricos.

Crônicas assim são as do escritor português Fernão Lopes, que fornecem um amplo panorama de sua época, dos lugares descritos, mas também das fraquezas ou dos feitos das pessoas.

Em terras brasileiras, na passagem do século XV para o XVI, Pero Vaz de Caminha escreve uma longa carta-crônica ao rei de Portugal, dom Manuel, relatando a descoberta das novas terras, os detalhes da viagem, do contato com a gente que vivia aqui... vê, compara, sente e relata tudo de significativo que seu olhar permitiu ver por aqui.

Muitos séculos e muitas crônicas depois, finalmente, a crônica assumiu o sentido que lhe é atribuído hoje. Precisamente em 1800, o *Journal des Débats*, em Paris, introduziu a crônica diária, colocando-a abaixo de uma linha para separá-la da parte noticiosa do jornal. Recebeu ali o nome de *feuilleton* (pequena folha). Vale lembrar que abaixo dessa linha também saíram mais tarde os capítulos de romances publicados nos jornais (os romances de folhetim).

Aqui no Brasil, muitos escritores cultivaram o gênero; Olavo Bilac, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector. Alguns como Rubem Braga, Sérgio Porto e Antônio Maria tornaram-se especialistas nesse gênero.

Atualmente, autores como Martha Medeiros, Luis Fernando Veríssimo, Antonio Prata, Fabrício Carpinejar, Marcelo Rubens Paiva, José Roberto Torero dão continuidade à tradição da crônica no Brasil.

Nos últimos anos, alguns deles passaram a escrevê-las também para publicá-las em blogs na internet. É curioso perceber que, mesmo com as mudanças de contexto social e cultural e até mesmo de suporte, atravessando diferentes épocas, a crônica permanece como um gênero sempre presente, que trata de temas cotidianos, levando o leitor a refletir sobre eles, propondo um olhar especial para aquilo que, em geral, é visto apenas como trivial.

QUEM FALA PORTUGUÊS, SABE PORTUGUÊS...

A língua portuguesa A maioria dos habitantes do Brasil e de Portugal tem a língua portuguesa como língua materna, ou seja, sua primeira língua. Mas um brasileiro, quando ouve um português falar, pode ter dificuldades para compreendê-lo.

A pronúncia, a construção das frases, o sentido de algumas palavras do português de Portugal são diferentes e podem gerar um questionamento: Se é português, por que não compreendo? O estranhamento pode aumentar quando isso acontece entre falantes brasileiros.

Em outras palavras, é também possível que brasileiros de regiões diferentes possam ter, em determinadas situações, alguma dificuldade para se entender. Você arriscaria dizer por quê? No livro *Pequena gramática do português brasileiro* (2012), os autores Ataliba de Castilho e Vanda Maria Elias dizem que, depois de observar algumas palavras que uma pessoa fala ou escreve para outra, é possível dizer muitas coisas sobre ela: identificar as características sociais (onde nasceu, nível sociocultural, idade), o modo que escolheu para se comunicar (língua falada, língua escrita) e o registro que selecionou (fala espontânea, fala formalizada).

O que isso significa? Significa que a língua portuguesa, assim como as outras línguas do mundo, dá identidade linguística ao seu falante e pode variar. Pode haver variação geográfica (brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul não falam exatamente do mesmo jeito); pode haver variação em função do segmento social do qual o falante procede (se a pessoa é escolarizada, ela fala ou escreve de modo diferente de uma pessoa que não frequentou escolas); pode haver também variação em função dos diferentes graus de intimidade entre as pessoas e da situação comunicativa (entre familiares usa-se linguagem informal; no trabalho, dependendo da situação, usa-se uma linguagem formal); também pode haver variação se a modalidade de linguagem usada for a falada ou a escrita; há também variação: por faixa etária (os jovens não falam como as pessoas mais velhas e vice-versa); histórica (o português que se fala e se escreve hoje é diferente do que se falava e se escrevia antigamente).

Uma língua, portanto, não existe de forma absoluta, e os falantes nativos de regiões diferentes, em contextos variados, lançam mão de variedades que serão estudadas a seguir.

1. Variedades linguísticas

Ao estudarmos nossa língua materna, não deixamos de estudar também nossa identidade cultural, histórica e social. Graças à língua que falamos e escrevemos, interagimos, dividimos nossa visão de mundo, nos sentimos pertencentes a um grupo, a uma comunidade. Graças à língua que falamos, escutamos, lemos e escrevemos, reafirmamos nossa condição de gente, de sujeito histórico, que vive em um determinado tempo e espaço.

Como escreve a linguista Irandé Antunes em seu livro *Muito além da gramática*, por um ensino de línguas sem pedras no caminho (2007), uma língua mobiliza crenças, institui e reforça valores. Daí já é possível concluir que estudar uma língua é muito mais do que simplesmente apontar nos textos falados ou escritos "erros" e "acertos" de gramática. Os falantes nativos de uma determinada língua fazem usos diferenciados dela, ou seja, empregam variedades dessa língua. Cada variedade é legítima, isto é, tem razão de existir, pois é eficiente nas situações em que é usada.

Caso contrário, ela simplesmente não existiria. É importante frisar que, apesar de a fala ser a utilização individual da língua, ninguém está “sozinho” em seu modo de falar. As variedades que existem e que podem ser identificadas são frutos de diferentes comunidades linguísticas, são sempre geridas coletivamente e têm sua própria gramática, seu conjunto de regras de funcionamento. Por exemplo, a comunidade linguística de pescadores do Rio Grande do Norte utilizará expressões, canções e piadas que podem se diferenciar das usadas por executivos que trabalham em bancos na Avenida Paulista, em São Paulo (SP). Exemplos assim poderiam se multiplicar.

Desde muito cedo, na primeira infância, interioriza-se e usa-se com propriedade a gramática da língua falada que se aprende. Qualquer pessoa que fala uma língua sabe sua gramática mesmo que não tenha consciência disso! (Não existe língua sem gramática!) Mas, se é assim, por que, às vezes, tem-se a impressão de não saber gramática? Por que é comum ouvir alguém dizer que a língua portuguesa é “a mais complicada que existe”? Para tentar responder a essas perguntas, é necessário refletir um pouco sobre os sentidos da palavra gramática.

Podem-se chamar de gramática as regras que definem o funcionamento de determinada língua que vai sendo incorporada de forma intuitiva e natural no convívio com os outros, ao participar de atividades sociais de uso dessa língua (conversas com familiares, amigos e pessoas em geral que falam a mesma língua).

Você vai aprendendo alguns aspectos dessa gramática, ouvindo, falando, escrevendo. Não há um momento especial nem alguém como um professor que precise ensiná-la. Mas gramática também se refere ao conjunto de normas que regulam o uso da norma culta, que, segundo o linguista Carlos Alberto Faraco, é:

[...] a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. FARA-CO, Carlos Alberto. Desembarçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 40.

A norma culta é a variedade da língua que se aprende na escola e em outras situações da vida formal e pública.

Apesar de a norma culta ser uma variedade utilizada em algumas situações e em alguns gêneros, muitas vezes não é vista como tal.

A norma culta é vista como norma ideal ou norma-padrão, que corresponderia a um uso da língua tido como modelo, correto, segundo as regras estipuladas pelas gramáticas normativas.

[...] como [a língua] deve ser, sem considerar o que de fato é, o que de fato acontece, sobretudo

entre os usuários [...] ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 92.

Como a norma culta é a representação do que seria falar e escrever bem, isto é, “sem erros”, é a variedade da língua mais prestigiada pelos segmentos mais ricos e escolarizados da população, ainda que seu uso também não seja exatamente o que prevê a gramática normativa.

É importante observar que a norma culta se aplica às situações formais em que se usam a fala e/ou a escrita. Como você sabe, em muitas situações sociais, é necessário o uso da linguagem mais formalizada e convencional.

Nada impede, no entanto, que você use também a norma culta em contextos de informalidade, mesmo que possa parecer estranho ou pedante. Já o contrário, isto é, o uso da língua não culta em situações formais, pode ser considerado inadequado, pois, como já visto, a norma culta é a norma prestigiada. Percebeu por que é importante estudar alguns usos da norma culta na escola? A variedade linguística que se usa com mais frequência pode ser bem diferente da variedade que se aprende na escola. É muito importante que a escola ensine a norma culta, mas é bem possível que, ao estudar essa variedade da língua, você tenha a sensação de que está aprendendo uma “nova” língua.

A norma culta é a variedade eleita para ser referência para alguns gêneros orais e escritos. As leis do Estado são escritas nessa norma, os artigos científicos, alguns textos jornalísticos e filosóficos também. É importante que todos conheçam o funcionamento dessa variedade.

Isso não significa que ela, por isso, seja “melhor”, “mais certa”, “mais bonita” nem que você tenha de deixar de usar completamente sua variedade de origem e outras variedades situacionais. Para interagir com o mundo, é preciso adequar os usos da língua às diversas situações. Nas situações formais, convém usar uma linguagem formal; nas situações informais, há possibilidade de usar outras variedades, dependendo do contexto.

Mas não pense que a norma culta de hoje é igual à de alguns séculos atrás. Se é uma variedade da língua, ela também sofre variações, é móvel e flexível, e vai incorporando, lentamente, as mudanças propostas pelos falantes. Toda língua viva é realmente dinâmica. É por isso que dicionários e gramáticas lançados mais recentemente já incorporam explicações para usos da língua que as gramáticas mais antigas recriminam e consideram erros.

FALAR E ESCREVER

1. Português falado, português escrito

O português falado e o escrito manifestam-se em diversos gêneros textuais. Alguns gêneros, como conversas formais, conversas telefônicas, conversas

espontâneas, debates em rádio ou TV, entrevistas, aulas expositivas etc., são gêneros orais. Outros, como bulas de remédio, enunciados de questões, artigos científicos, fábulas, romances etc., são gêneros escritos. Mas há gêneros em que a modalidade falada e a escrita aparecem integradas. Por exemplo, nas canções, nas piadas, nos contos populares e no noticiário de televisão, observa-se uma forma escrita que se realiza quase como fala, e vice-versa. Isso significa que não há uma separação rígida entre a fala e a escrita, como se tratando de línguas diferentes.

Mas é importante notar também que cada uma dessas modalidades (a falada e a escrita) tem especificidades e limites. Nem sempre a escrita consegue representar no papel características da modalidade falada. Como representar na escrita o tom usado ao falar, a pronúncia do português falado por brasileiros de certa região, os gestos, o movimento do corpo e dos olhos? Já parou para pensar nisso? Por outro lado, há coisas que são inerentes ao texto escrito, só a ele... como a ortografia das palavras e o uso dos sinais de pontuação.

A fala para o linguista Luiz Antônio Marcuschi, na obra *Da fala para a escrita* (2007), “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” é muito mais antiga do que a escrita.

Faz dez milhões de anos 158 UNIDADE 5 que o ser humano existe na Terra e apenas 6.000 anos que a humanidade inventou a escrita. Estudos mostram que somente cerca de 106 das milhares de línguas faladas no curso da história humana estiveram submetidas à escrita num grau suficiente para produzir literatura.

O que esse fato revela? Revela que a linguagem oral pode sobreviver sem a escrita. Mas, nas últimas décadas, por uma série de fenômenos históricos, a língua escrita ficou sendo considerada por alguns como a única “forma lógica e correta” do uso da língua, a única modalidade da língua digna de ser estudada e ensinada.

Atualmente, graças ao trabalho de alguns pesquisadores que se dedicam ao estudo das práticas sociais orais, a língua falada é também vista como precioso objeto de estudo. Língua falada e escrita têm funções interativas, podem ser ou não coerentes, podem ser ou não coesas e são “colocadas em cena” com uma intenção.

Importante é perceber que você está inserido em uma sociedade que fala, escuta, lê, escreve. Ter contato com as múltiplas manifestações da produção falada e escrita dá condições de vivenciar a coexistência de diversos modos de falar e de usar a língua materna.

O objetivo, ao fazer você refletir sobre algumas especificidades das modalidades falada e escrita, é ajudá-lo a descobrir caminhos para que seu texto – escrito ou falado – apareça ajustado à situação comunicativa.

2. Aprimorando a escrita

Já foi comentado que as modalidades falada e escrita da língua têm semelhanças e diferenças. Falou-se de algumas especificidades de cada modalidade: na falada, há o tom, a pronúncia, a expressão facial; na escrita, há os sinais gráficos, a ortografia, a pontuação.

A ortografia é a maneira convencional de escrever as palavras de uma língua. Ao ler a divertida crônica de Kledir Ramil (1953-) (Tema 1), você viu que, dependendo da região de que provém o falante, muitas palavras ganham pronúncias diferentes. Para mostrar isso, o autor procurou escrever na crônica as palavras não de acordo com a norma, mas da maneira como ele acha que são pronunciadas.

Releia um trechinho:

Língua brasileira

Kledir Ramil

[...] Em São Paulo, capital, eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “Órra, meu! Tô por deintro, mas não tô inteindeindo o que eu tô veindo”. E no interiorr falam um erre todo enrolado: “A Ferrmanda marrrocá a porrrreira”. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em Mins, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte, Nossenhora, doidemas* da conta, sô! O mineiro, quando se perde, já tem uma frase pronta: “Eu não sei quemcossô, oncotô, doncovim e proncovô”. Qualquer objeto eles chamam de trem, como naquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou, apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo”. [...]

RAMIL, Kledir. Língua brasileira. In: _____. Crônicas para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 17-19. (ênfases adicionadas)

Na crônica, intencionalmente, o autor não usou a convenção ortográfica, para que o leitor percebesse mais facilmente as pronúncias diferentes de cada região.

Mas você acha que esse procedimento funcionaria para escrever textos marcados por maior formalidade? Você acha que, ao escrever um bilhete, um texto de opinião, uma receita, as palavras poderiam ser grafadas sempre da forma como são pronunciadas? Escrever segundo uma convenção ortográfica é importante na escola e fora dela também.

A maneira correta de escrever é tão valorizada que muita gente acha que texto bem escrito é texto que não contém erro ortográfico. A principal consequência dessa postura? É o medo de errar. Por isso, uma estratégia para vencer o medo de escrever e enfrentar o desafio de colocar no papel o que se pensa é observar as diferenças entre como se pronunciam as palavras e como são escritas.

É bastante comum que escritores inexperientes se apoiem fortemente na pronúncia para grafar as palavras nos textos que produzem.

É preciso ficar atento, por exemplo, para não trocar o E por I, em palavras como “menino” (já que na fala é comum a pronúncia minino); não trocar O por U, em palavras como mundo (já que na fala é comum a pronúncia mundu). Também é comum na fala reduzir a pronúncia de certos ditongos.

Costuma-se falar mudô, mas na escrita é mudou; fala-se caxa e escreve-se caixa; madeira pode ser pronunciada maderá. Também é comum na